

# INFORME MENSAL

## A.H.J.B

Ano 3    abril de 2012    N° 29
Edição do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro
EDITOR:    Samuel Belk

Neste número

- 1- A Propósito de Hinos
- 2- Relembrando Baby Yar
- 3- The Ídish Book Center
- 4- A Música dos Primeiros Tempos
- 5- História de Imigrantes; sr. Lazlo Wessel
- 6- Workma's Circle

### A Propósito de Hinos

*Nancy Rozenchan – USP*

Com frequência tem voltado à tona, em Israel, a questão da inadequação do hino hebraico “Hatikva” [A esperança] para os dias de hoje. Muitos incomodados com o verso “ser um povo livre em nossa terra” ou com a expressão da “alma judaica” sugerem a adoção de alguma outra melodia no lugar daquela escrita originalmente por Naftali H. Imber em 1878 e musicada com melodia moldava. Os críticos alegam que a letra pode ter suprido os anseios dos judeus na Rússia czarista na época em que foi escrita, mas não expressa os anseios e os princípios de Israel contemporâneo.

Nos tempos modernos houve outras músicas que envolveram o povo judeu e é de uma destas que trataremos aqui.

Certamente há quem se lembre que em uma era em que havia poucos meios de difundir ideais, a música serviu para este propósito. Assim foi com o Sionismo e com o amor pela terra dos antepassados, Israel. Um dos exemplos mais expressivos disto foi a música “Po beéretz hemdat avot”, livremente traduzida como “Aqui na terra do leite dos antepassados”, música cujo centenário se celebra agora em 2012. Eis o seu verso inicial:

Aqui na terra do leite dos antepassados  
todas as esperanças tornar-se-ão realidade,  
aqui viveremos e aqui criaremos,  
uma vida de brilho e de liberdade,  
aqui pousará a Presença Divina,  
aqui florescerá também a língua da Torá.

O teor de louvor à terra é óbvio; foi uma música para caminhadas e marchas, e ainda hoje, apesar de um tanto esquecida, é executada como uma espécie de hino sionista.

Vale conhecer um pouco de sua história. Começamos pelo quadro “Galut” [Exílio, diáspora], principal obra de Shmuel Hirschenberg, um dos mais importantes pintores judeus de sua época, pintado na Polônia em 1904. Motivaram-no os pogroms que afetaram comunidades judaicas. Exposto logo em seguida no Museu Judaico de Berlim, sobrevive hoje só em fotos, já que ele sumiu no início da Segunda Guerra. Hirschenberg morreu em Israel pouco depois de sua imigração.

Impressionado pelo quadro, o poeta de língua ídiche, Morris Rosenfeld, escreveu sob sua inspiração o tétrico poema “Goles Marsh” [Marcha do Exílio], que logo alcançou grande popularidade, tanto no original como em diversas traduções. Isto fez com que fosse organizado um concurso para que se adaptasse uma melodia a ele. Das inúmeras versões, a de autoria de Herman Zvi Richter, que não foi a vencedora, foi a que caiu no gosto do público. O socialista Rosenfeld, que trabalhou inicialmente nos *sweatshops* do Lower East Side, como passador de roupa, morreu nos Estados Unidos na mesma miséria em que vivera.

Hanina Kartchevsky, talentoso músico e compositor, foi professor do primeiro ginásio hebraico de Tel Aviv, o Ginásio Herzliya. Convocado a preparar uma marcha para a caminhada que os alunos fariam para o norte do país, ele, que criara corais a quatro vozes para cada uma das turmas da escola e que fez com que a música cantada ressoasse então por toda a minúscula Tel Aviv, acedeu ao pedido e aproveitou a melodia do “Goles Marsh”, deixando de lado a trágica letra em idish. Ao seu encontro veio o professor, poeta, tradutor e homem da cultura Israel Duchman, que escreveu a nova letra, cujo título engloba uma citação do profeta Jeremias 3,19 *eretz hemda*, “terra do leite”, um dos nomes pelo qual Israel é conhecido.

Pode-se imaginar que a longa caminhada tenha sido aliviada pelo canto da bela música que agora completa cem anos. Kartchevsky teria ainda, a seu crédito, a regência do coro de alunos que se apresentou em 1925 no Monte Scopus, em Jerusalém, quando do lançamento da pedra fundamental da universidade que ali se instalou. No mesmo dia, ainda, segundo consta, por motivos ignorados, ele se suicidou. Na casa onde ele viveu, em Tel Aviv, foi colocada uma placa em sua homenagem, inaugurada no ano passado.

Quanto a Duchman, o teatro israelense tem uma grande dívida para com ele, que muito contribuiu para o seu desenvolvimento.

Versões diversas de “Po beéretz hemdat avot” podem ser acessadas pela internet. Esclareça-se que esta música não é candidata a substituir o “Hatikva”.

### **Relembrando Babi Yar**

Kiev foi ocupada entre os dias 19 e 20 de setembro de 1941 pelo exército alemão. Na cidade viviam 875.000 pessoas dentre as quais 175.000 judeus. Nos primeiros dias da ocupação os judeus foram perseguidos e humilhados de uma maneira espontânea e não organizada. No dia 24 de setembro de 1941, diversas bombas foram detonadas nas ruas de Kreshchatik e de Prorizna de Kiev, destruindo diversos postos do exército alemão como também diversos hotéis, nos quais estavam oficiais alemães. Como consequência das explosões, numerosos soldados e oficiais alemães acabaram feridos e mortos.

No dia 26 de setembro, foi realizada uma reunião de oficiais nazistas, na qual decidiram que a represália mais apropriada seria a aniquilação de todos os judeus de Kiev. A campanha contra os judeus de URSS foi dirigida de uma maneira completamente diferente da campanha contra os judeus da Polônia e de outros países europeus. O estabelecimento de guetos não foi planejado desde o início, o principal objetivo era a aniquilação total.

Babi Yar é o nome de um barranco situado fora de Kiev, Ucrânia. O massacre de Babi Yar aconteceu quatro meses antes da Conferência de Wannsee, na qual decidiu-se a Solução Final para o problema judeu. Os judeus de Kiev foram reunidos no cemitério sem entender o que estava acontecendo. Eles acreditavam que seriam trasladados a campos de trabalho. Estando em Babi Yar, lhes foi ordenado que ficassem sem roupas, nus, que empilhassem suas roupas e que ficassem parados na beira do barranco, onde seriam baleados e mortos. Mulheres judias nuas, algumas com suas crianças em seus braços, idosos, homens e crianças caíam mortos pelos tiros dos nazistas e a frente dos gritos de júbilo e alegria dos habitantes ucranianos da região.

### **The Yidish Book Center**

Em 1980, quando Aaron Lansky era ainda estudante, com idade de 23 anos de idade tomou conhecimento

de um fato alarmante, milhares de livros em ídish que tinham sobrevivido a Hitler e Stalin estavam sendo descartados e destruídos. Com o desaparecimento da velha geração os livros eram jogados fora pelos filhos e netos que já não eram capazes de ler neste idioma. Uma literatura inteira estava à beira de extinção.

Lansky emitiu um comunicado que estava recebendo os livros não desejados e descartados e a população judaica de toda a América respondeu ao seu apelo.

Logo Lansky e um punhado de colegas de trabalho rodaram por muitas cidades retirando livros de porões e sótãos, sinagogas e edifícios abandonados. O trabalho de salvamento e coleta continua até os dias de hoje.

Originalmente ele havia calculado a coleta de 70.000 livros em ídish. O Centro superou este número em seis meses e conseguiu recuperar um milhão de volumes. A realização foi saudada como o maior esforço de salvamento cultural na história judaica.

O Ídish Book Center está instalado num edifício especialmente construído em Amherst, Massachusetts. Forneceu um grande número de livros para mais de 600 bibliotecas como Harvard, Yale, Biblioteca do Congresso, Biblioteca Britânica, Universidade Hebraica de Jerusalém, e Bibliotecas Nacionais de países tão distantes quanto à Austrália, China e Japão.

O Centro colocou os textos de 11.000 títulos em ídish on-line pela sua Biblioteca Digital onde podem ser facilmente acessados.

Sua sede em Amherst, Massachusetts é um mundo vivo onde se encontra uma livraria, uma biblioteca, um museu, e realiza periodicamente apresentações teatrais, concertos, exibição de filmes, programas educacionais e conferências.

O Centro incentiva também a realização de cursos de ídish, em outras entidades judaicas dos Estados Unidos para a formação de tradutores, pois especialmente do século XIX somente cerca de 2% da literatura ídish foi traduzida para o inglês.

Para incentivar a formação de tradutores eles abriram um concurso para tradução de literatura ídish para o inglês

### **A Música nos primeiros tempos de Israel**

**Léa Vinocur Freitag**

A Orquestra Filarmônica de Israel data de 1936, com o nome de **Palestina Sintonia**, idealizada por Bronislav Hubermann. A regência de Toscanini elevou a orquestra a um nível internacional, inclusive com regentes estrangeiros, como Kushevitski, excursionando por diversos países e realizando gravações importantes, com solistas

famosos, como Daniel Barenboim. Entre os regentes podemos citar Felix Weingartner, Malcolm Sargent, Hermann Scherchen, além de Ormandy, Von Karajan, Barbirolli, Maazel e até Eleazar de Carvalho. Os solistas também foram extraordinários: Arrau, Rubinstein, Menuhin, Oistrak (pai e filho), Stern, Fournier, Marian Anderson, Heifetz, Firkusny, Horowitz, Richter, Francescatti, Brailowsky, Milstein, Jan Peerce, Richard Tucker, Tebaldi, Fischer-Diskau. Foi muito importante na época a Rádio Difusora Israelense Kol Israel (Voz de Israel). O repertório constava de autores clássicos, românticos e nacionais, com músicos especializados em instrumentos orientais autênticos. Eram apresentados compositores nacionais, como Ben-Haim, Partos, Max Brod, Avidom e Edel.

A Orquestra Tsahal-Gadna era composta de soldados e jovens da organização para-militar Gadna, com concertos em quartéis, acampamentos, cidades e colônias rurais. Foi um ótimo veículo de divulgação e teve importância na formação de músicos de orquestras e bandas. Podemos citar ainda a Orquestra de Haifa, a de Ramath-Gan e da Universidade Hebraica, além das orquestras dos kibutzim, cujos componentes se reuniam duas ou três vezes por semana.

Eminentes músicos estrangeiros visitaram Israel, como Darius Milhaud (1952), convidado para escrever uma obra comemorativa: “David”, executada em Jerusalém em 1954. Villa-Lobos compôs, em 1953, o poema sinfônico “Odisseia de uma Raça”, executado pela Orquestra Filarmônica de Israel, em benefício dos filhos dos artistas pobres de Israel. Escreveu o grande compositor brasileiro: “ Na formação do Universo Deus criou uma raça heroica que viveu e sofreu, mas venceu em Israel.”

### **Histórias de imigrantes – Sr. Lazlo Wessel**

O Núcleo de História Oral do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro coletou ao longo de seus 20 anos de existência, através de entrevistas, aproximadamente 400 histórias de imigrantes e seus descendentes. Retratamos aqui parte da incrível trajetória de vida deste senhor que, como tantos outros judeus que chegaram ao Brasil é um verdadeiro sobrevivente e deixou, ao longo de sua vida no Brasil, e não por acaso, sua marca única como famoso comerciante de carnes. *Eu nasci em 1916 em Tata no interior da Hungria, perto da*

*Áustria. A Vila tinha 10.000 habitantes. Minha família morava lá desde final de 1800 e foram sempre açougueiros naquela mesma vila, naquela mesma casa. Até 18 anos eu trabalhava com eles!*

*Na Hungria não era só assim, abre-se um açougue e pronto! Para abrir um estabelecimento eram necessários oito anos de estudo, quatro no primário, quatro no ginásio e depois ser trabalhar três anos como aprendiz e mais três anos como oficial. Depois a Câmara dos Deputados exigia que se fizesse exame de Mestre. Para este exame de profissional matava-se boi, porco, vitela, frisos, e se recebia educação de balcão. O exame de Mestre eu fiz em Budapeste.*

*Lá eu tinha um estabelecimento próprio durante 20 anos. Abri a casa de carnes sozinho, já não tinha pai, não tinha mãe e abri este estabelecimento que durou até 1940!*

*O relacionamento dos judeus com os habitantes da cidade até 1932 era perfeito porque todo mundo gostava de todo mundo... Tinha um grande exército lá, os oficiais eram convidados pelos judeus para almoçar e tinha aquelas caçadas, eles convidavam judeus ou entregavam carne da caça para os judeus. Minha esposa e minha mãe faziam bolo e entregavam para os padres...*

*Em 42 eu entrei no exército, fiquei dois anos na Hungria em diversos lugares, fiz trincheiras. Depois, onde a estrada estava minada, mandavam em frente os judeus... Agora no campo profissional fui encaminhado para a cozinha. Trabalhei na cozinha da escola de cadetes e lá eu era açougueiro ao lado do cozinheiro. O cozinheiro convocado pelo exército era formado na Suíça, então ele me reconheceu como açougueiro que sabe trabalhar! Eu aprendi muito com ele, ele aprendeu muito comigo e fiquei com ele muito tempo!*

*Em 27 de novembro de 1942 eu embarquei em direção a Don na Rússia. A tropa era constituída de 200 soldados. Passamos nas cidades de Kursk, Minsk, Briansk... Eu fiquei em Starioskol com mais 50 pessoas. Dos 50 sobraram seis e eu fiquei entre aqueles seis. Sobraram três oficiais húngaros, eu fui cozinheiro para eles, eles sabiam que eu sou judeu, fizeram para mim aquela roupa do exército. Eles me protegeram, a mim e mais três pessoas, três músicos! A guerra não era na Hungria, era na Rússia, então Budapeste não queria saber de nada, eram somente boatos até 19 de Outubro de 1944,*

quando os nazistas húngaros tomaram posse. Depois começaram a deportar os judeus. Eu cozinhava para festas em Kiev, aquela cidade na Ucrânia, para aqueles alemães que voltaram e depois para os grandes generais húngaros que queriam festa! Fiquei junto com os oficiais dois anos, ficamos amigos e todo dia eu cozinhava o que eles queriam! Alguns dias antes do Natal de 44, eu fui com esses oficiais até o norte da Hungria e na volta um major falou: “olha meu filho”, me chamava de meu filho, ele já era coroa, “olha, não pode ficar mais no Exército, veio ordem do mais alto escalão que, dentro de 24 horas, oficiais que escondem judeus vão ser fuzilados, então eu tenho que mandar você para aquele lugar onde estão recolhendo pessoas para levar para o campo de concentração. Deus abençoe você”!

E no Natal de 44 a gente estava na fronteira e os alemães levaram a gente para o campo de concentração Mauthausen e depois para Minskiferet, esse não era tão conhecido como Auschwitz. Lá não tinha fuzilamento porque ainda não tinha câmara de gás, mas tinha milhares de piolhos e sem comida todas as pessoas pegavam tifo!

Em 9 de Maio de 45 acabou a guerra, mas já em 5 de maio a gente ficou livre. Vieram os americanos, trouxeram um caminhão de chocolates e um caminhão de cigarros. Eles alimentaram a gente, os doentes foram levados para hospitais, mas 80% deles não sobreviveu por melhor que fosse o cuidado dos americanos. Eu estava com 48 quilos, antes tinha 88! A maior parte dos que já estavam no fim lá no campo já não aguento.. Eles fizeram tudo para uns mil e poucas pessoas! Eu não precisei de nada, eu mesmo com 48 quilos estava uma joia!

Depois, levaram aqueles que estavam bem vivos, para um campo, onde os alemães formavam oficiais. Os alemães que estavam presos serviam a gente. Eles eram obrigados a limpar banheiro, e fazer limpeza geral. Os judeus recebiam comida e quem foi nomeado chefe da cozinha? Eu, não é? Muita gente não sabia de nada do que tinha acontecido, eu sabia por que estava sempre no exército! Em janeiro de 43 muita gente morreu de frio, eu não, porque tinha agasalho suficiente.

Depois, em 45, 46, até 50, fui para Budapeste, lá conheci minha esposa, casei. Lá abri casa de

carnes. Fazer o quê? Se abrisse uma loja de joias ganhava mais, mas não entendia disso! Depois vieram os comunistas e tomaram nossos bens. Trabalhei para o governo de 50 a 56, como balconista de açougue. Minha mulher também trabalhou como caixa num outro açougue e vivíamos com salário mínimo.

Devíamos ter ido para a Austrália, lá temos inúmeros parentes, mas o Consulado fechou as portas. Aí todo mundo foi para Viena e lá o HIAS (Hebrew Immigrant Aid Society) ajudou a gente. Pagou hotel, comida e passagem de navio. Chegamos em Santos em 08 de fevereiro de 1957. Quando cheguei, um ano depois, abri o açougue em 1958 com um empréstimo do HIAS. Em 59 e 60 devolvi tudo que havia previamente recebido.

Entrevista realizada em 23/02/1994 por Marília Freidenson, Feigue Fainguezich e Adriana Jacobsberg com transcrição de Thea Joffe. **Edição de Sueli Epstein.**

### Workman's Circle (Arbeter Ring)

O Arbeter Ring de Los Angeles iniciou neste ano três cursos de ídish: Principiante, Intermediário e Avançado, com duração de 18 semanas cada um.

Mas o curso mais concorrido é o de Conversação em Ídish dado pela professora Hadasa Cytrynowicz, que se realiza todas as segundas feiras.

A professora Hadasa, nossa correspondente, se encontra em Los Angeles já há três anos. Ela veio do Brasil, onde lecionava no Curso de Ídish no Centro de Estudos Judaicos da Universidade de São Paulo, deixando bastante saudades.

Segundo a entidade, Hadasa trouxe um mundo de experiências, histórias, canções, provérbios, poesias e tópicos interessantes para discussão em grupo.

### Colaboradores

Myriam Chansky, Maria Theodora Barbosa, Hadasa Cytrynowicz, Léa Vinocur Freitag, Lucia Chermont, Rebeca Belk, Nancy Rozenchan e Sueli Epstein .

## **Arquivo Histórico Judaico Brasileiro**

**Presidente: Mauricio Serebrinic**

Rua Estela Sezefreda, 76- Tel. 3088-0879 / 2157-4121

E Mail: [ahjb@ahjb.org.br](mailto:ahjb@ahjb.org.br)

Site: [www.ahjb.org.br](http://www.ahjb.org.br)